

Vozes do passado, vozes para o futuro

Voices of the past, voices for the future

Resumo

O ensaio apresenta o percurso de uma pesquisa que nasce durante a pandemia de Covid-19 e segue em curso, a partir da escuta de artistas a partir de 80 anos. Parto da hipótese de que a pandemia de Covid-19 pode representar uma ruptura em nosso cronótopo de tempo histórico, tendo como referência as noções de Reinhart Koselleck de tempo de experiência e horizonte de expectativa. A experiência da pandemia nos confrontou com a urgência da morte, representando um paralelo com a própria experiência da velhice e fazendo da escuta daqueles que testemunharam algumas das principais transformações do último século uma importante forma de compreender o momento de crise do mundo contemporâneo.

Palavras-chave: tempo; velhice; morte; historicidade; história oral

Abstract

The essay presents an ongoing research that have being developed since Covid-19 pandemic period, through listening to artists aged 80 and above. The hypothesis explored here is that the Covid-19 pandemic may represent a rupture in our historical chronotope, with reference to Reinhart Koselleck's notions of time of experience and horizon of expectation. The experience of the pandemic has confronted us with the urgency of death, an experience that meets the experience of aging. Therefore, listening to those who have witnessed some of the major transformations of the last century may confront us with an important level of comprehension of the crisis that pandemic period represented to our times.

Keywords: time; aging; death; historicity; oral history

* Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). manufantinato@yahoo.com.br

Recebido em: 09/04/2023 Aceito em: 16/04/2024

Em um texto chamado *Nosso ritmo*, Vilém Flusser fala de “aparelhos”, que nos “programam” de forma “sincronizada”. Dois desses aparelhos seriam o supermercado e o cinema. No cinema, espectadores recebem – a partir de um discurso que chama “anfiteatral”, em que um emissor ausente, portanto com o qual não há troca, emite as mensagens que serão recebidas por um grande número de pessoas ao mesmo tempo – os códigos de um discurso de uma cultura de massa; no supermercado – apenas um conceito generalizante para a experiência de consumo –, eles consomem aquilo para o que foram programados pelo cinema. “O supermercado e o cinema formam as duas asas de um ventilador que insufla na massa o movimento do progresso. No cinema a massa é programada para o comportamento consumidor no supermercado, e do supermercado a massa é solta para reprogramar-se no cinema.” (2011, p. 87). Cinema e supermercado são, portanto, aparelhos sincronizados que produzem o ritmo da nossa sociedade contemporânea e pós-industrial.

Trago essa imagem com alguma licença poética para falar sobre um tempo cuja enorme complexidade torna muitas das palavras de Vilém Flusser quase naïve, mas o faço, ao melhor estilo flusseriano, não como arcabouço teórico, mas como jogo. As ideias de Flusser, absolutamente visionárias quando foram articuladas, ainda nos anos 1980, parecem anacrônicas em um momento já chamado por alguns de pós-digital. As próprias experiências do cinema e do supermercado – que descreve como “O cinema é lado avesso do supermercado. Sua entrada é abertura estreita que obriga os que querem participar dos seus mistérios a fazerem fila. Tais filas são a contrapartida das que se formam nos supermercados” (2011, p. 83) – mudaram de forma, tornando-se mediadas por novos gestos, como o apertar do botão, e aparelhos de um refinamento jamais imaginado, como algoritmos que nos levam a circular em torno de discursos cada vez mais fechados, nos oferecendo mercadorias que nos levam à ilusão de uma experiência cada vez mais única e individualizante. Guardados os enormes paralelos, o que pretendo provocar com essa imagem é uma reflexão sobre o que a pandemia de Covid-19 significou para o ritmo de nosso tempo.

Os impactos da pandemia de Covid-19 na sociedade brasileira foram profundos e diversos. A cifra de mais de 700 mil mortos veio acompanhada do aumento da desigualdade em vários níveis, com efeitos que serão sentidos durante gerações. Mas arrisco a hipótese de que não é apenas o futuro que colherá os frutos plantados ou perdidos neste particular momento da história da humanidade. Também o passado parece estar ameaçado. O que proponho neste texto é uma hipótese que tem me inquietado desde 2020 e gostaria de deixar para os pensadores do futuro, uma vez que não temos

ainda distanciamento histórico nem existencial para comprová-la: a de que a pandemia de Covid-19 pode representar uma ruptura em nosso cronótopo de tempo histórico. E, ainda, de que isso pode ser captado – termo que escolho conscientemente, rejeitando a ideia de compreensão e ressaltando a possibilidade uma capacidade sensória e sensível de conhecimento além do racional – pela experiência dos velhos do nosso tempo.

A pandemia de Covid-19 foi extremamente cruel com os idosos, justamente num período em que a própria experiência de velhice vinha sendo reconfigurada. Na esteira das transformações catalisadas pelo processo de aceleração do tempo e pelos avanços na ciência e tecnologia, o mundo assistiu a um aumento de qualidade e expectativa de vida, fazendo do mundo cada vez mais velho e, dos velhos, cada vez mais presentes e ativos. O ano de 2020, quando eclodiu a pandemia, celebrava o 30º dia internacional das pessoas idosas (ONU), quando o mundo se aproximava de 700 milhões de pessoas com 65 anos ou mais, um marco de mais de 8% da população mundial. Discussões sobre a chamada “nova velhice” saíram da pauta exclusiva dos profissionais de saúde, chegando às ciências sociais, aos estudos econômicos e, principalmente, à mídia, seja pelas inúmeras matérias tratando do tema na imprensa, pela presença cada vez maior de profissionais “maduros” no cinema, na televisão e nos palcos ou, ainda, nas redes sociais. Até que a pandemia os colocou novamente de volta aos espaços privados.

Nesse cenário, enquanto grande parcela da população se voltou à tecnologia e às redes sociais para se expressar e socializar, as vozes dos velhos, seus anseios e seus desejos, perderam o espaço público. Na cacofonia de relatos que proliferavam pelas redes e através das mídias durante esse período, os velhos, transformados em “grupo de risco”, e as velhices, uma espécie de condenação, um fora da vida, foram, certamente, os que menos puderam dizer, se expressar, contar ainda as suas histórias. Passada a pandemia, o Censo divulgado em 2023 revelou um Brasil em pleno envelhecimento, com mais de 10% da população acima dos 65 anos. Se, durante a pandemia, os velhos foram isolados com o argumento da proteção, passado o período, eles voltam ao espaço público com a maior expectativa da história. O futuro próximo prevê a normalização de vidas de 100 anos, enquanto as mídias tradicionais abrem espaços editoriais ao tema e estados começam a se preparar para os impactos disso em seus sistemas econômicos e estruturas sociais.

Embora seja inegável a relevância social do tema, foi uma experiência absolutamente pessoal o que me levou a pensar sobre o assunto, o que me permito compartilhar porque não há ponto de vista neutro na história, e muitas

vezes ciência e pesquisa se justificam tão somente a partir de experiências, interesses e desafios subjetivos e individuais.

Quando a pandemia chegou ao Brasil, eu trabalhava numa área dedicada a projetos de memória de uma grande emissora brasileira de televisão. Parte do meu trabalho era conduzir entrevistas de história oral com profissionais da casa – de executivos a jornalistas, de atores a técnicos do entretenimento –, com a única premissa de que tivessem pelo menos duas décadas de experiência profissional. Para aquele ano de 2020, planejávamos entrevistar artistas octogenários, ainda em atividade, que tinham sido ouvidos vinte anos antes, no nascimento daquela área, ainda enquanto um pequeno projeto.

A história oral é uma ferramenta ou metodologia multidisciplinar por excelência, amplamente usada por profissionais de história, pedagogia, antropologia e até saúde, mas cuja origem está diretamente ligada aos estudos de comunicação. Foi a partir da criação do gravador e, portanto, da possibilidade de transformar um depoimento, ou um diálogo, em um registro, que se desenvolveu uma metodologia de conhecimento histórico que visava preservar o olhar e a voz individual. Como ressalta a historiadora escocesa Lynn Abrams, história oral é antes de tudo uma prática: o ato de gravar o discurso de alguém com algo a dizer e, depois, analisar suas memórias sobre o passado (2016, p.1).

O que faz dessa empreitada algo especial, como bem destaca o italiano Alessandro Portelli (1979), professor de literatura norte-americana e um dos teóricos mais importantes do assunto, é elevar o indivíduo comum, com suas idiossincrasias e sua falibilidade, ao status de autor da história, permitindo que memórias individuais encontrem seu lugar como parte de uma memória social, respeitando suas qualidades de narrativa e não buscando atribuir-lhe a objetividade de uma lei.

Fazer história oral tem, portanto, uma dupla acepção: trata-se de um esforço de pesquisa e um compromisso ético de registrar discursos para que futuros pesquisadores possam acessar perspectivas diversas sobre o passado. Não à toa, as referências citadas têm trajetórias marcadas por trabalhos sobre grupos considerados sub-representados. Lynn Abrams é conhecida por estudos de gênero e Portelli tornou-se um “historiador oral” a partir de estudos sobre classes trabalhadoras.

Mas a potência dessa aparentemente simples ferramenta de pesquisa vai além do resgate de perspectivas que possam contribuir para a compreensão de modos de vida, sociabilidades ou fatos que memórias individuais são capazes de recuperar. Ela também desestabiliza também o status do historiador,

na medida em que o coloca, de um lado, em uma posição de escuta, e de outro, na situação de cocriador de fontes. Não se trata de um documento encontrado, mas de algo criado por ele, particularmente a partir do diálogo com outro. Assim, ainda introduz algo que, para o historiador em particular, não é corriqueiro, embora seja senso comum para outras disciplinas, como a antropologia: a presença incontornável do pesquisador como agente interferente do processo de pesquisa, o que me autoriza a desvelar as origens da inquietação intelectual que motiva a minha reflexão.

Assim, voltando à minha experiência de 2020, uma vez estabelecidas as políticas de restrição, todos os preparativos para a realização das entrevistas, que aconteciam de forma presencial, em um estúdio de filmagem,¹ com todo o aparato que uma emissora de televisão poderia oferecer, foram cancelados. Parte do meu trabalho voltou-se a fazer obituários para pessoas que morriam ou que poderiam morrer a qualquer momento. Isso porque, na medida em que parte da população isolava-se e a vida pública se contraía – ou se convertia em uma experiência digital – entrava em cena algo novo. Na verdade, entrava em cena algo que vinha sendo há tempos tão bem recalcado, que podia ser experimentado ali como algo radicalmente novo. A presença imperativa da morte. A imprensa passava a noticiar diariamente o número de mortes por Covid-19; proliferavam-se fotos de túmulos estampadas nas capas dos jornais e casos próximos de óbitos pela nova doença transformavam dados frios na realidade da vida cotidiana.

Ainda naquele nebuloso 2020, um dos nomes cotados em nosso plano de entrevistas, um ator que estava no ar um ano antes, suicida-se, deixando um bilhete, que dizia: “Me desculpem, mas não deu mais. A velhice neste país é o caos, como tudo aqui. A humanidade não deu certo. Eu tive a impressão de que foram 85 anos jogados fora...”. No crepúsculo de um século, ele, que assistira a guerras, à ascensão e queda de ditaduras e regimes políticos, a revoluções tecnológicas e científicas, a mudanças radicais em seus próprios meios de produção de vida e de trabalho, sem contar nas enormes transformações sociais, simbólicas e de costumes de um mundo em que o tempo parecia correr cada vez mais rápido, sentira como insuportável o estado de suspensão no qual se encontrava. Não havia repertório para lidar com aquela experiência. Naquele presente congelado, o amanhã era sentido apenas através da incerteza sobre sua possibilidade e concretude, ao passo que viver sem a perspectiva

1 As entrevistas compõem um acervo que conta com mais de mil depoimentos, acessíveis apenas pela própria área, mas alguns trechos de algumas delas eram editados para acesso público via internet.

de um futuro, encarando apenas a morte, anulava qualquer sentido e possibilidade de compreensão sobre o passado. Frente a essa aporia, talvez tenha lhe parecido mais digno tirar a própria vida. Talvez a morte tenha se tornado mais presente do que a própria vida, tornando imperativo aceitá-la.

Aquela morte, entre tantas que se tornavam número, ao mesmo tempo tão próxima e tão distante de mim, despertou algumas reflexões. A frase “a humanidade não deu certo” tinha, àquele momento, diversos sentidos, em meio à propagação de notícias falas, ao negacionismo científico e histórico, à dupla crise, política e sanitária, ao medo de que nunca mais experimentássemos o mundo do nosso hábito, onde nos reconhecêssemos e projetássemos. Porém, ao pé da letra, de qual humanidade se referia o ator?

Se a humanidade não dera certo, estávamos diante de um ponto de inflexão – algo que encontrava um estranho eco, embora ao revés, no que Hans Ulrich Gumbrecht (2013) chamou de latência para nomear o período imediatamente pós a Segunda Guerra, em que o mundo parecia viver euforicamente, silenciando sobre horrores ainda inarticuláveis ou incompreensíveis. E nesse presente suspenso, no tempo em que as coisas já não são mais e não são ainda, como menciona Hannah Arent (2016), igualmente prenhe e viúvo de presente e futuro, a geração de Migliaccio – sua “humanidade”, quem sabe – tinha uma perspectiva absolutamente particular. São pessoas que cresceram num mundo embalado por bondes, começaram a produzir suas obras à mão, em máquinas de escrever, filmes em película, instrumentos mecânicos. Subiram em palcos que não existem mais, produziram corpos e performances jamais imaginadas. O que os faz especiais é justamente a capacidade de incorporar as mudanças do mundo e dialogar com elas e o tempo não apenas em suas vidas, mas também em suas produções de pensamento. São trajetórias que se encontram no limite de diferentes experiências de tempo e, com elas, de histórias e memórias sociais.

Embora pouco tempo tenha se passado desde o início da pandemia, já são muitos os autores que se dedicaram a refletir sobre ela, desde as primeiras polêmicas entre Giorgio Agamben e Jean-Luc Nancy,² até os livros de Edgar Morin (2020) e Yuval Noah Harari (2020), para citar os mais célebres, ou de Joel Birman (2020) e Pedro Duarte (2020), exemplos brasileiros. Guardadas as querelas e as diferenças de perspectiva, ficou evidente a urgência de se pensar

2 Ainda em fevereiro de 2020, o filósofo italiano Giorgio Agamben publicou uma série de textos na imprensa italiana desacreditando a relevância da pandemia, o que foi prontamente respondido pelo francês Jean-Luc Nancy, inaugurando um debate filosófico sobre o tema.

sobre as múltiplas facetas do cenário de crise inaugurado ou catalisado pela pandemia. Um dos aspectos desse quadro, no entanto, me parece ainda pouco explorado. É possível afirmar que a pandemia significou uma ruptura na sensibilidade do tempo, o que se mostra claramente na forma de se imaginar – e se preparar para – um futuro diferente do esperado até então, mas que também se configura em uma outra relação com o passado. Dizer que a história mudou com a pandemia de coronavírus pode não ser uma simples figura de linguagem.

Reinhart Koselleck usa suas categorias muito simples e com implicações muito tangíveis para pensar o tempo histórico: experiência e expectativa. “Elas remetem à temporalidade do homem, e com isto, de certa forma meta-historicamente, à temporalidade da história” (2011, p.309). O autor alerta que o tempo histórico é mais do que uma medida de tempo. Trata-se de uma forma de entrelaçamento entre passado, presente e futuro, que, como tal, é passível de mudança e que, em linhas gerais, traduz-se na coordenação entre tempo de experiência e horizonte de expectativa. Já François Hartog trabalha com a noção de regime de historicidade, como “uma ordem dominante do tempo. Tramado por diferentes regimes de temporalidade, ele é, concluindo, uma maneira de traduzir e de ordenar experiências do tempo – modos de articular passado, presente e futuro – e de dar-lhes sentido” (2013, p. 139).

Para além da discussão filosófica acerca do tempo histórico, essa configuração entre espaço de experiência e horizonte de expectativa se configura na sensibilidade de cada indivíduo histórico e se transforma ao longo da vida. Na infância, faltam experiências e sobram expectativas, ao passo que, na velhice, essa balança se inverte, modulando ações, visões e pensamentos. Se Hannah Arendt (2010) destaca a potência da natalidade como uma condição humana que engendra ação e é capaz de renovar o potencialmente mundo, pois traz consigo a chance de um feito inédito, o historiador Jacques Le Goff (1992) alerta para o papel fundamental de guardiões e transmissores da memória social e do conhecimento acumulado que desempenhavam os velhos durante a Idade Média, o que lhes conferia autoridade de legisladores.

A pandemia sem dúvidas representou uma torção na configuração entre experiência e expectativa. Em nível social, nações, instituições e setores econômicos foram forçados a rever projetos, planos e metas, sistemas políticos colapsaram, espaços públicos fecharam. Foi preciso criar estratégias e práticas jamais antes experimentadas. Em nível individual, o isolamento embaralhou o cotidiano, a tecnologia mudou as formas de sociabilidade e o medo se tornou onipresente. Isso porque a morte ganhou corporeidade, trazendo à tona o medo da finitude e do desconhecido.

A morte, que ao longo do século XX foi paulatinamente saindo da cena pública, escondendo-se na assepsia dos hospitais e sendo ignorada ou empurrada para cada vez mais longe, voltou, nos últimos anos, como uma presença constante. Enquanto, frente à falta de transparência e confiabilidade em relação aos dados oficiais, um consórcio de veículos de imprensa passava a noticiar diariamente o número de mortes por Covid-19, a partir do dia 8 de junho de 2020, proliferavam-se fotos de túmulos estampadas nas capas dos jornais e casos próximos de óbitos pela nova doença transformavam dados frios na realidade da vida cotidiana. Que a morte tenha assombrado a vida de trabalhadores em atividade, crianças sem escola e jovens nas redes sociais, é sabido, graças ao enorme fluxo de conteúdo que passou a ser produzido, difundido e consumido, especialmente pela internet, que permitiu a vidas privadas invadirem o espaço público, gerando identificação e empatia. Mas e os velhos? Essa proximidade iminente da morte, sentida socialmente durante o período da pandemia de Covid-19, não é justamente o páthos da velhice?

Pontos de conexão com o passado através da memória, os velhos tinham seu papel social bem delimitado nas sociedades tradicionais, como bem destacam autores como Philippe Ariès (1983), Norbert Elias (2001) e Simone de Beauvoir, que fez uma fortuna crítica de visões sobre a velhice em diferentes épocas, em seu livro *Envelhecer* (2018). Porém, conforme o processo de aceleração do tempo inaugurado com a Revolução Industrial e encadeado pelas revoluções tecnológicas consequentes foi se convertendo na sensibilidade dominante no século XX, e os vínculos com a tradição foram perdendo valor, os velhos perderam sua função social e, com ela, o espaço de prestígio que tinham. Associados à proximidade da morte, recolheram-se aos espaços privados, às instituições de cuidado, perdendo o vínculo com o presente e permitindo que se consolidasse a almejada ruptura com o passado.

Ora, a (re)conversão da morte em uma experiência social guarda paralelos com a própria experiência da velhice, em nível individual, descortinando a importância de ouvir aqueles que têm seu chamado como horizonte mais próximo para acrescentar mais uma camada de reflexão a esse momento de crise.

Sob a convocação constante da morte, retomei o projeto das entrevistas com artistas, mesmo que de forma digital. Convencida de que não havia tempo a perder – qualquer registro poderia ser o último – a ideia de fazer história oral ali já não era mais apenas uma ferramenta de pesquisa voltada, sobretudo, a reflexões sobre o passado e a memória, mas um instrumento poderoso para entender como a crise que vivíamos estava sendo sentida por uma geração pioneira em determinada experiência de velhice. Em conversas

com artistas que contavam com idades entre 80 e 94 anos, fui surpreendida por uma sensibilidade preciosa.

Mais do que falar sobre como lidaram com a vida durante a pandemia, porém, a forma como articularam essa experiência a outras memórias – individuais e coletivas – me chamou atenção. Havia, em suas falas, algo de distinto do terror que parecia acometer toda a sociedade. Sem desprezar as realidades do momento de crise, eles se voltaram ao passado, tecendo contrastes e paralelos, identificando rupturas e permanências, revelando, em nuances, como cada presente é capaz de articular novos passados. Do estado de suspensão, sem compromisso com o futuro, o passado renegociava sentidos através do vai e vem sinuoso de suas memórias – o que pretendi reproduzir neste texto.

O que me leva de volta à imagem que propus na abertura deste texto. Nossos velhos, os velhos de nosso tempo, representam, de certa forma, uma ruptura com o ritmo do qual fala Flusser. Sua presença ativa na sociedade quebra com a sincronia do mundo pós-industrial, seja pela sua incontornável proximidade da morte, que os descompromete com o horizonte de expectativa futuro, seja por trazer à tona outras experiências e sentidos de passado. As percepções e sensibilidades individuais desses sujeitos quase centenários, especialmente depois da experiência limite da pandemia, têm muito a dizer sobre as ruínas de um modelo histórico moderno-contemporâneo associado a uma ideia de um progresso e aprimoramento constante.

Nesse processo de pesquisa no qual me dedico a ouvir e registrar essas vozes, tenho experimentado pessoalmente essa dinâmica de ruptura de ritmo. O tempo da velhice recusa a nossa pressa e força à reflexão. A história oral, nesse contexto, se traduz em conversa e promove um encontro e desencontro de tempos – o que talvez seja a principal marca de nossa experiência contemporânea de historicidade. Adiante, quem sabe, os registros desses diálogos podem oferecer testemunhos de uma mudança de cronótopo histórico, mas eu deixo isso para os pesquisadores do futuro.

Referências

- Abrams, Lynn. *Oral history theory*. New York: Routledge, 2016.
- Arendt, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- _____. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.
- Ariès, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2012.
- _____. Une histoire de la vieillesse ?. In: *Communications*, 37, 1983. Le continent gris. Vieillesse et vieillissement. pp. 47-54;
- Beauvoir, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.
- Birman, Joel. *O trauma na pandemia do coronavírus: Suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2020.
- Bosi, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, Cia das Letras, 1994.
- Clavijo, Irene; Mejia-Mantilla, Carolina; Olivieri, Sergio; Lara-Ibarra, Gabriel; Romero, Javier. 2021. *Mind the Gap: How Covid-19 is Increasing Inequality in Latin America and the Caribbean*. Washington: World Bank. Disponível em: <https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/36025>
- Duarte, Pedro. *A pandemia e o exílio do mundo*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.
- Elias, Norbert. *A Solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.
- Flusser, Vilém. *Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar*. São Paulo: Annablume, 2011.
- Gumbrecht, Hans Ulrich. *After 1945: latency as origin of the present*. Stanford: Stanford University Press, 2013.
- Hartog, François. *Regimes de Historicidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- Harari, Yuval Noah. *Notas sobre a pandemia: E breves lições para o mundo pós-coronavírus*. São Paulo: Cia das Letras, 2020.
- Koselleck, Reinhart. *Crítica e crise*. Rio de Janeiro: Eduerj - Contraponto, 1999.
- _____. *Futuro passado*. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2011.
- Kubler-Ross, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- Le Goff, Jacques. *História e memória*. Campinas, Editora da Unicamp, 1992.
- Morin, Edgar. *É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2020.
- Portelli, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.